

## **Mulheres na geladeira:**

### **A vulnerabilidade das super-heroínas no universo das histórias em quadrinhos<sup>1</sup>**

Edvaldo RODRIGUES<sup>2</sup>

Maria Eduarda MENEZES<sup>3</sup>

Álamo BANDEIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

#### **Resumo**

Esta pesquisa foi idealizada com o foco de analisarmos como a mídia, predominantemente masculina, tende a representar suas super-heroínas – figuras de mulher empoderadas que lutam contra o mal. Em uma sociedade culturalmente machista, buscamos compreender de que forma as personagens femininas são criadas, desenvolvidas, exterminadas e quais mistérios existem por trás de suas histórias pouco exploradas.

**Palavras-Chave:** HQs; Super-Heróis; Super-Heroínas; Machismo; Feminismo.

#### **Introdução**

Criadas na primeira metade do século XX, as histórias em quadrinhos de super-heróis rapidamente ganharam o público e conquistaram um lugar na Indústria Cultural devido a seu sucesso mercadológico e forte capacidade de dialogar com a sociedade em que estão incluídas. É impossível questionarmos aqui a importância destas para a cultura popular, a capacidade de gerarem símbolos ou representações sociais.

O que é realmente válido é analisarmos como tais produtos interagem com uma sociedade em constante transformação, com um público cada vez mais exigente e com novas perspectivas e, principalmente, como tais representações são feitas em tempos tão líquidos (BAUMAN, 2001).

Neste caso, analisaremos as representações femininas na mídia, tendo um foco sempre voltado para as HQs<sup>5</sup>, em especial as de super-heróis, e como estas visam perpetuar um discurso para o público consumidor.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email: JuniorEdvaldoR@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de graduação do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email: EduardaMenezesC@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Mestrando do Curso de Design Cultura e Sociedade da UFPE, email: alamobandeira@gmail.com

<sup>5</sup> Abreviaturas para Histórias em Quadrinhos, neste trabalho será o foco central posteriormente melhor detalhado.

Outro ponto essencial da pesquisa é verificarmos como o dispositivo midiático lidou e está lidando com as constantes transformações do papel da mulher na sociedade e como tal mudança é negada ou replicada através das revistas em quadrinhos.

Por último, é importante destacarmos a complexidade das histórias em quadrinhos e a importância de estudarmos o comportamento das super-heroínas. Por possuírem imagem e texto, as histórias em quadrinhos são um suporte rico para a reprodução de um discurso. Além de sua capacidade de penetrar no imaginário do consumidor, possuem alguns recursos como capas, baixo preço e fácil absorção que as tornam tão eficazes em conseguir conquistar o público. Já as super-heroínas são um caso bastante interessante, pois apesar de à primeira vista serem personagens criadas como uma forma de enaltecer e fortalecer a mulher, tal empoderamento nem sempre se mantém ao longo de histórias e arcos que perduram por várias edições.

### **Quem as colocou na geladeira?**

Revistas sobre moda, beleza, crianças e cuidados da casa são classificadas no meio jornalístico como imprensa feminina. Falando diretamente com as mulheres e abordando os assuntos referentes do dia a dia, a imprensa feminina é tida como um dos principais fatores para a construção da identidade da mulher em sociedade. Lucia Santaella, comunicóloga e especialista em semiótica, em seu trabalho *Mulheres em tempos de modernidade líquida*, que aqui tomamos como base teórica para este artigo por sua ótica feminista, fala sobre a imprensa feminina:

“É ela que vem proporcionando versões da feminilidade, padrões de moda, autoestima, autonomia e autenticidade. Foi ela que favoreceu a expansão social dos produtos de beleza, contribuindo para fazer da aparência uma dimensão essencial da identidade feminina “ (SANTAELLA, 2008, p. 105).

Estigmatizada por uns e admirada por outros, a imprensa feminina não é consenso entre os especialistas que debatem a qualidade das informações transmitidas por estas. Apesar de se tratar de um tema bem específico e com bastante possibilidade de discussão, o que queremos analisar é exatamente a parte que fica de fora deste recorte. Partimos do ponto inicial de que se os temas comuns como beleza, casa, crianças são comuns da imprensa feminina, todo o resto da imprensa e dos meios de comunicação foram criados inicialmente para satisfazer e atender as necessidades do público masculino.

É devido a este mito inicial na imprensa comum de que todo o público consumidor é tratado como homem, que a imagem da mulher é tão problemática e pouco problematizada nos meios de comunicação contemporâneos. Essa visão vai além dos materiais publicitários tipicamente focados tradicionalmente no modelo de homem heteronormatizado, como os comerciais de cerveja, para constatar isso, isso vai além. A imagem da mulher pode ser problematizada na mídia contemporânea desde os filmes *blockbusters*<sup>6</sup> e até mesmo nas histórias em quadrinhos com super-heroínas fortes e independentes, como a personagem “Mulher Maravilha”, desenhada pela DC Comics.

A principal fórmula que a indústria cultural usa para representar a figura feminina é através de estereótipos. A imagem das personagens é reduzida quase sempre a meros clichês, são raríssimos os casos onde a figura feminina consegue ganhar uma história que não envolva um homem de forma direta ou indireta.

A provável razão disto é o fato de possuímos uma indústria cultural ainda criada majoritariamente por homens. Geralmente são os homens que escrevem os roteiros, os textos e as imagens, reproduzindo assim uma ótica masculina. Não é de se estranhar então que ainda exista tamanho desconhecimento sobre o universo feminino ou que, por exemplo, apenas os personagens masculinos sejam dignos de ganhar profundidade e questionamentos mais elaborados e longos nas narrativas, guardando para as personagens femininas toda a superficialidade e futilidade socialmente vinculada à ideia do “sexo frágil”.

A representação de personagens femininos por aqueles que não estão acostumados a enfrentar os problemas que as mulheres passam diariamente acaba se tornando tão estranha e preocupante quanto a falta de representatividade feminina.

Um dos erros que a mídia acaba caindo ao tentar representar a mulher é o “Princípio de Smurfette”. Criado por Katha Pollitt, crítica e poetisa, o Princípio de Smurfette se dá quando, apesar de o mundo ser habitado em média de 50% por mulheres, em uma obra existe apenas uma mulher como representação de gênero. Tal peculiaridade recebe esse nome devido ao desenho “*Les Schtroumpfs*” (“Os Smurfs”). Em um mundo de homenzinhos azuis, cada personagem recebe seu apelido devido ao seu atributo principal, por exemplo, “Gênio”, “Ranzinza”, “Desastrado” e “Habilidoso” são apenas alguns dos nomes dos personagens que têm suas histórias desenvolvidas a partir das principais características de suas personalidades.

---

<sup>6</sup> Filme ou qualquer expressão artística voltada para a grande massa, com o objetivo principal de lucrar.

Porém em uma vila dominada por personagens do gênero masculino, encontra-se uma única mulher: a “Smurfette”. Sua principal característica não é ser esperta ou desastrada. Diferente dos outros Smurfs que possuem distinções oriundas de suas particularidades, a “Smurfette” é reduzida apenas a sua feminilidade. Enquanto todos os outros personagens ganham um aprofundamento pelos seus adjetivos, o único diferencial que ela é capaz de ter é ser a mulher do grupo.



**Figura 1:** “Smurfs” – possuidores de características – e a “Smurfette”, cuja única singularidade relativa a sua identidade é seu gênero.

Para refletir sobre as lacunas narrativas, como o princípio de “Smurfette” e outros estereótipos na criação da imagem feminina, ou até mesmo o uso de mulheres apenas como adereços para o personagem masculino alcançar objetivos, existe o teste de Bechdel, bastante explorado quando se busca uma análise sob a ótica feminina dos roteiros. O teste foi apresentado pela primeira vez em uma tirinha assinada pela cartunista Alison Bechdel, daí seu nome, e foi criado por sua amiga Liz Wallace, baseado num texto da escritora inglesa Virgínia Woolf, “Um Teto Todo Seu”, de 1929. Para se testar algo através do Teste de Bechdel são necessários três passos: primeiramente, a obra deve conter pelo menos duas personagens mulheres, segundo, estas duas mulheres precisam obrigatoriamente conversar entre si e, terceiro, as personagens devem falar sobre algo que não seja um dos personagens homens presentes na trama em questão.

É verdade que o teste de Bechdel possui algumas limitações. É possível que um filme passe no teste e ainda possua conteúdo extremamente sexista. Da mesma forma,

também é possível que um filme não passe no teste, mas não tenha proposta diretamente machista. No entanto, o teste é um referencial largamente utilizado para a análise da representação feminina em produtos midiáticos, assim como serviu de base para a elaboração de outros testes e análises mais segmentados, como por exemplo, o “Teste de Russo” (desenvolvido pelo especialista Vito Russo para analisar a presença de personagens LGBT’s em enredos diversos).

### **As super-heroínas como representação feminina**

As super-heroínas, entre outras personagens femininas de HQs, se inserem de forma mal executada em um ambiente predominantemente formado por homens. A falta de tato e prática em representar personagens femininas faz com que roteiristas, produtores e desenhistas errem a mão e não consigam criar personagens que realmente transpareçam valores de empoderamento.

O papel inicial de uma personagem feminina nas HQ’s, antes mesmo de surgirem super-heroínas, não era nem de longe uma ameaça. Não era possível nem imaginar que uma super-heroína tivesse a possibilidade de tomar o lugar de personagens como “*Superman*” ou “*Batman*”, logo, os próprios criadores das personagens não as davam valor nem tinham noção de como representá-las. Para evitar maiores trabalhos, a super-heroína era inserida na história do mais absoluto nada, sem uma história forte em seu passado e sem perspectiva de futuro, é apenas colocada ali para o bem maior do protagonista (MADRID, 2009).

A principal razão para que isto aconteça, como visto anteriormente, é muito mais um problema cristalizado na produção das histórias do que no mercado consumidor. Existe um *fandom*<sup>7</sup> muito grande nas histórias em quadrinhos composto por mulheres. Porém se vê que, em muitos momentos, as super-heroínas são tratadas com apenas coadjuvantes dentro de suas histórias. Ora retratadas como mocinhas indefesas e ora como corruptoras da moral masculina, as mulheres nos quadrinhos estão sempre ligadas a um homem através de seduções, roupas provocativas, ações explicitadas e tudo aquilo que a supremacia masculina usa como definição para o que é ser mulher (NOGUEIRA, 2010).

É interessante nesse momento fazermos um contraste sobre a representação da mulher na imprensa feminina em contraponto à figura da mulher nos meios de comunicação mais amplos. Inicialmente, existiu a ideia da primeira mulher, “diabolizada”, depreciada,

---

<sup>7</sup> Grupo de fãs, geralmente que se reúnem através de fóruns na internet, para debater e acompanhar seus personagens e enredos favoritos. O termo inglês tem conotação abrangente e não se restringe a um único grupo e tampouco possui o tradicional formato dos antigos fã clubes.

sedutora e corruptora das virtudes masculinas. A segunda mulher era idealizada e admirada, porém criada pelo homem e para o homem. Já a terceira representação feminina se caracteriza por possuir uma autonomia sobre sua vida, um controle sobre suas escolhas e uma ruptura com os padrões mais clássicos do papel feminino na sociedade. (LIPOVETSKY, 2000 apud SANTAELLA, 2008)

O que podemos perceber mais adiante é que, diferente da imprensa feminina que atualmente já toma como base de representação o terceiro recorte do papel feminino, a mesma informação ainda não é válida para as histórias em quadrinhos. São raros os casos em que podemos ver o terceiro modo de apresentação feminina acontecer de forma plena e satisfatória. A indústria dos quadrinhos ainda, infelizmente, é sustentada até hoje pela primeira e, principalmente, pela segunda mulher.

A primeira super-heroína nos modelos que conhecemos hoje, lembrada pela sua força e determinação, é a Mulher Maravilha. A *Wonder Woman* foi criada na década de 1940, pelo psicólogo e teórico feminista William Moulton Marston, classificando-a como a propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que deve governar o mundo. Marston pregava que as mulheres não só poderiam ser iguais aos homens, mas sim superiores a eles. Ao contrário do que vemos em super-heroínas de décadas posteriores, a Mulher Maravilha tem um plano de fundo forte, inspirada nas amazonas e criada com o propósito de empoderar as mulheres, aproveitando-se do contexto da Segunda Guerra Mundial, quando os homens estavam lutando e as mulheres foram encorajadas a trabalhar (ALVES, 1985 apud Weschenfelder). Para Jill Lepore (2014):

“A Mulher Maravilha foi concebida pelo Dr. Marston para criar um padrão entre as crianças e jovens de uma feminilidade forte, livre e corajosa; para combater a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens, e para inspirar as meninas a terem autoconfiança e a se realizarem no esporte e nas ocupações e profissões monopolizadas por homens” (LEPORE, 2014)<sup>8</sup>

Infelizmente, com o fim da guerra veio o fim da tentativa de empoderamento por parte da super-heroína, o pós-guerra era o momento de acalmar e “domar” as mulheres que haviam sentido o gosto da independência, nesse momento a Mulher-Maravilha perde forças (ALVES, 1985 apud Weschenfelder, 2011). A partir daqui vemos uma nova onda de

---

<sup>8</sup> Retirado da matéria *The Last Amazon*. Nova York, 2014. <<http://www.newyorker.com/magazine/2014/09/22/last-amazon>>. Acesso em: 19 de julho de 2015

conservadorismo atacando as histórias em quadrinhos. As super-heroínas que até então eram projeções que incentivavam a mulher a ganhar espaço público enquanto os homens lutavam na segunda guerra mundial, agora estão cada vez mais fracas e subservientes (NOGUEIRA, 2010).

“A boa moça, heroína, mesmo quando representada pelo modelo super-mulher – caracterizado pela beleza física, o erotismo e o amazonismo -, estava sempre sujeita a fraquezas associadas aos papéis femininos de gênero, tais como a vaidade, a preocupação com a aparência, a insegurança e uma dependência quase patológica de um homem que a salve nos momentos mais difíceis” (NOGUEIRA, 2010 p. 12-13)

Ainda assim Marston se esforçou para que, enquanto fosse vivo, a personagem fosse representada da forma como citado acima, porém sua falta pode ser notada ao percebemos que toda essa força não é tão bem canalizada pelos outros escritores após a morte do criador. Aos poucos a Mulher Maravilha foi perdendo seu caráter de amazona, que não se rebaixa a homem algum, e depois da segunda guerra é vista servindo café nas histórias da Liga da Justiça. (NOGUEIRA, 2010)

O termo correto para definir essa presença mal colocada de personagens femininas em HQs se chama: *plot device*. Esse mecanismo funciona quando a história trava em um certo ponto e apenas o surgimento de um de algum elemento vai fazer com o que a trama ganhe novos rumos. As personagens femininas são tão frágeis e descartáveis que aparecem nessa posição, são elas que chegam nas histórias para salvar o arco do protagonista. Note que não se fala em salvar a vida do personagem principal, e sim sua história, uma personagem que chega rápido e sai da história mais rápido ainda, sem deixar vestígios, para que não atrapalhe o personagem principal que está sempre muito ocupado salvando o mundo.

O descarte de personagens ocorria de forma tão absurda que leitores, fãs de algumas personagens, começaram a estranhar o sumiço de várias delas. Esse descontentamento fez com que um grupo, comandado por Gail Simone, criasse um site. Tal site contém informações a respeito de personagens femininas que saíram das histórias das formas mais absurdas, desnecessárias e até mesmo machistas, além das motivações que as levaram a encerrar seus dias de combate ao crime. O site se chamava *Women In Refrigerator*.



### Women in refrigerator: mulheres na geladeira

O termo surgiu no final da década de 1990, usado para se referir à personagens femininas que foram retiradas das tiragens de quadrinhos, das quais eram participantes, apenas pelo bem da história. As motivações reais variam, desde retirar a personagem mulher por achar que o super-herói protagonista estava perdendo a essência da história (logo, sua própria essência) por conta do romance, até mesmo matar um personagem pelo simples divertimento dos roteiristas, que queriam movimentar a história matando alguém, que alvo seria melhor do que uma personagem feminina? As mulheres chegam nos quadrinhos sem história muito impactantes, sem promessas de futuro, logo, fica fácil retirar esse tipo de personagem das histórias.



**Figura 2:** Lanterna Verde encontrando sua namorada congelada.

O nome *Women In Refrigerator*, Mulheres na Geladeira em tradução livre, surgiu em um arco do Lanterna Verde, quando, ao chegar em casa, ele se deparou com sua namorada esquartejada dentro da geladeira. A morte não foi planejada, nem teve real motivação, apenas serviu como *plot device*, mais uma vez uma personagem feminina serviu de mero peão, com o objetivo de tornar a história mais atrativa. A morte logo foi superada e a história seguiu sem maiores referências ao acontecido.

A lista conta com inúmeros nomes, para dar uma dimensão maior da situação das personagens será feita uma breve análise das histórias de Lois Lane, Barbara Gordon e Sue Dibny. Lois Lane foi retirada das histórias do Super-Homem depois de participar de vários arcos, pois os roteiristas achavam que o romance tirava o foco da história do protagonista, depois de ser atacada severamente, sequestrada e de sofrer uma lavagem cerebral, Lois some das histórias do Super-Homem. Barbara Gordon foi a vítima do Coringa, na época a personagem vestia o uniforme de Batgirl e era bem recebida pelo público, novamente com o objetivo de incrementar a história, Coringa atira na Batgirl e a deixa paraplégica, abandonando as histórias. Por último Sue Dibny, a esposa do Homem-Elástico, Ralph



Dibny. Os dois viviam um bom relacionamento, sempre conhecidos como o grande casal do selo, Sue então é queimada viva em uma edição especial chamada *Identity Crisis* (Crise de Identidade), o culpado é desconhecido e a história segue normalmente.

A vulnerabilidade das personagens num cenário majoritariamente masculino tira toda credibilidade que as histórias delas possam ter, a falta de preparação e cuidado de roteiristas, produtores e desenhistas, tornam as histórias já conhecidas pela baixa qualidade, causando a perda de interesse por parte do público consumidor. Não vale a pena acompanhar a história de uma personagem que pode sumir a qualquer momento, sem deixar vestígios ou esperança de retorno. Falta representatividade feminina no meio dos quadrinhos, legítima representatividade feminina, um arco que realmente receba atenção do selo e seja bem executado, recuperando a credibilidade das super-heroínas.

### **Considerações finais**

É possível notar que, apesar de ainda terem pouca representatividade, existem movimentos que notam particularidades associadas as minorias dentro de nichos da cultura pop, e ainda mais:

“Observa-se, que não são apenas os grupos e indivíduos que transformam as cognições coletivas analisadas nas representações sociais. A relação é mutualística e as ideias e conceitos também são suscetíveis a constantes transformações, visto que “são o produto de nossas ações e comunicações”. (MOSCOVICI, 2000, p. 40~apud CUNHA, 2015, p.3) ”

As histórias em quadrinhos podem se tornar excelentes suportes para os grupos de pouca representatividade, a exposição de personagens negros e LGBTs abrem espaço para a entrada de novos produtos no mercado, ainda que de forma gradativa, o impacto é notado. Um excelente exemplo é a continuidade que deram à lista de 1999 (Mulheres na Geladeira), apesar dessa continuação indicar que as personagens femininas continuam tendo finais inexpressivos, também mostra que a insatisfação continua, que apesar de lista original não ter se mantido outros grupos assumiram a responsabilidade de dar voz a essas personagens.

“As representações se manifestam na forma de crenças, valores, atitudes e opiniões que se impõem sobre sociedade ao longo da história e persistem com o passar do tempo, se tornando mais fortes, de forma que “quanto

mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. ” (MOSCOVICI, 2000, p. 41 apud CUNHA, 2015, p.4).

Conseguimos depreender disso que apesar da dificuldade em desconstruir tais representações consolidadas na mente do público consumidor, existe uma tendência de mudança para o futuro da indústria cultural graças a insatisfações e movimentos contrários como o Teste de Bechdel e a tese das mulheres na geladeira.

### Referências

Bauman, Zigmund (2001), **Modernidade Líquida**, Plínio Dentzien (trad.), Rio de Janeiro: Zahar.

BECHDEL, Alison. **Testy**. Disponível em: <<http://dykestowatchoutfor.com/testy>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

CUNHA, Gabriel Figueiredo De Oliveira Fontenele Sampaio, 2015, Manaus. **A Representação Social e a Sexualização Nos Quadrinhos**. Manaus: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2015. 14 p.

FERRARI, Pri. **4 estereótipos femininos na mídia que você provavelmente não tinha notado**. Disponível em: <<http://www.cadeomeucafe.com/4-estereotipos-femininos-na-midia-que-voce-provavelmente-nao-tinha-notado>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

LEPORE, Jill. **The Last Amazon: Wonder Woman returns..** Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2014/09/22/last-amazon>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

MADRID, Mike. **The Supergirls: Fashion, Feminism, Fantasy, and the history of Comic Book Heroines**. Minneapolis: Exterminating Angel, 2012

NOGUEIRA, Natania A. Silva. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. **História, Imagem e Narrativas**, [s.i], v. 10, n. 1, p.1-14, abr. 2010.

SANTAELLA, Lucia. Mulheres em tempos de modernidade líquida. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, v. 6, n. 6, p.105-113, jun. 2008.

SIMONE, Gail. **Women in Refrigerators**. Disponível em: <<http://lby3.com/wir/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; COLLING, Ana. Histórias em quadrinhos de super-heroínas: do movimento feminista às questões de gênero. **R. Internac. Interdisciplinar Interthesis**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.200-218, 15 jul. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). DOI: 10.5007/1807-1384.2011v8n2p200.